

Errar Impunemente e Persistentemente

Raul Pilla

“EM regime de responsabilidade mimada vive o govêrno — diz o “Correio da Manhã”. A prova mais flagrante e irrecusável desta irresponsabilidade está na dramática conjuntura econômica e social que hoje o país atravessa. Devêmo-la a quê? A um êrro na formulação e na aplicação da política cafeeira. Advertido dêste êrro, alertado contra êle, o govêrno não se sensibilizou com a advertência. Pelo contrário, a cada palavra de alerta opunha uma obstinação, que, por ser tão obstinada, transferiu-se da área do êrro casual para a zona do êrro proposital, do crime intencional, premeditado. O país afoga-se hoje em sacas de café”.

Errou, pois, o govêrno. Todo govêrno pode errar. É o que o articulista denomina êrro casual. Persiste, porém, no êrro, apesar das terríveis conseqüências dêle. Passa, portanto, a ser um êrro proposital. Ora, é claro caber a responsabilidade dêste êrro desastroso, em primeiro lugar ao govêrno que o perpetra. E é dupla: é a responsabilidade do êrro e a responsabilidade da persistência nêle. Anatematizemos, pois, o govêrno.

Mas, que diabo de regime é êsse, em que o govêrno não somente pode errar, mas tem ainda o direito de persistir no êrro e levar a nação indefesa à última ruína? Será democrático? Será, sequer, razoável? Não, não é. Um sistema de govêrno que não obriga à correção do êrro e o pode levar até ao crime, merece antes o nome de sistema de desgovêrno.

Assim, duplicada é a responsabilidade do govêrno, mas, em que pese ao jornal que a irroga, cabe ao regime a responsabilidade primária no desastre nacional. É o presidencial um sistema em que todos os erros se podem praticar impunemente e persistentemente.